

Congelamento da Demagogia

É preciso investigar a razão pela qual foram plantados boatos sobre congelamento de preços no exato momento em que a inflação começava a dar sinais de cansaço, os supermercados começavam a competir para baixo na remarcação de preços, e um consenso sobre a necessidade de uma política econômica voltada para a modernidade engatinhava nas áreas mais lúcidas do governo.

Desmentidos vigorosamente pelo ministro da Fazenda, os boatos devem ter deixado alguns rastros em todos aqueles setores que instantaneamente remarcam seus estoques, ou retiram sua poupança para investimentos mais líquidos ao primeiro sinal de fogo. Ainda não se extinguíram no Brasil as fagulhas e as últimas brasas da fogueira armada pelo Plano Cruzado, que incinerou boa parte da poupança nacional no consumo predatório e pegou os brasileiros pela mão para a escola do calote, com o desastrado convite à moratória na dívida externa.

Não estão mortos os economistas bem-intencionados e os mal-intencionados dessa fornada. Hoje, todo o Brasil sabe que em segmentos extremados do PMDB uma economista, que naquela época gozava de credibilidade, conclamou a executiva do partido a embarcar no congelamento afirmando: "o que importa agora é ganhar as eleições; a economia que se dane." E a economia danou-se, como vemos agora com as altas taxas de inflação e as enormes dificuldades para retomar investimentos produtivos.

Por cima desses vendavais estão o fato político e a gestão política de um país que reluta em sair da crise apenas por passes de mágica da tecnocracia. O Brasil não desembarcou da velha e embarcou na Nova República porque a tecnocracia assim o quis, mas porque a realidade política se impôs. Da mesma forma, quando voltam esses ventos insensatos do tabelamento, é preciso situar as coisas em seu contexto maior, e indagar: a quem interessa?

Cruzados ressentidos com seu fracasso podem torcer para que uma política econômica liberal, fundada no combate ao déficit público, na prática de taxas de juros realistas e na recomposição das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional também fracasse. É duro admitir que o ressentimento é capaz de empurrar a Nação para o buraco. Mas empurra.

Por outros motivos, pensando talvez nas eleições municipais, há os que, fora do círculo suicida dos economistas mais radicais do PMDB, pensam no congelamento como panaceia para fazer vereadores e prefeitos. E, talvez, acenam com a popularidade recomposta do Presidente, mais fácil de obter por

esse tipo de mágica que por uma estratégia de longo prazo, à espera de lentas e dificilmente compreensíveis leis de mercado.

Se alguém, ao lado do Presidente, está tentando empurrá-lo para esse caminho, é preciso levar em conta que a memória dos brasileiros e brasileiras não é tão curta. Toda Nação tem o direito de errar. O duro é reincidir nos mesmos erros. Se novo congelamento for adotado agora, irá desmoronar nas vésperas das eleições, e basta para tanto lembrar quanto curta foi a vida da tentativa frustrada do Plano Bresser, em momento no qual o partido majoritário, que o apoiava discretamente, ainda não estava implodindo em público, estraçalhado por divisões e dissensões internas.

O caminho para a recomposição da economia nacional é necessariamente o controle dos gastos públicos, a recuperação da credibilidade no governo, que começa aos poucos graças à seriedade e ao compromisso com a modernidade assumido principalmente pelos ministros da Fazenda e do Planejamento. O presidente José Sarney, se é isto que o preocupa, dificilmente entrará para a História com a imagem que sonha obter se o preço a pagar for mais um passe de mágica inconsistente. Não serão as eleições vindouras que darão consistência ao trabalho do Governo, mas a capacidade que demonstrar para administrar o país num momento difícil, sem ceder à demagogia e ao populismo. O curto prazo que o Governo tem até o fim do seu mandato é o suficiente para aplinar o caminho para seu sucessor e para a própria estabilidade do sistema político-partidário em uma democracia de massas. Aqueles que desejam herdar a administração deveriam ser os primeiros a apoiar a racionalidade, em lugar da demagogia.

Se o Governo continuar na trilha de modernidade que está inaugurando, aos poucos poderá chegar ao consenso necessário, e ao apoio de empresários, sindicatos e lideranças políticas para um novo pacto. Aí, sim, sem se subjugar ao calendário eleitoral, poderá o Presidente tentar derrubar o que os economistas chamam de inflação inercial, que se realimenta de forma perversa em patamares indecentemente altos.

Definitivamente, se algo deve ser congelado agora é a demagogia. O Brasil foi resgatado para a vida política pela Nova República. Não podem as suas lideranças políticas tirar o tapete dos técnicos no momento em que tentam recompor a base de uma credibilidade perdida, porque pensaram no voto apenas como moeda que compra a eleição a qualquer preço.